

Exame de resultado incerto. Mas não descartável

A mamografia tem sido contestada, mas as mulheres entre 50 e 69 anos devem fazê-la

VIRGINIA L. ERNSTER
The New York Times

SÃO FRANCISCO – Os julgamentos conflitantes sobre o valor da mamografia de rotina deixaram as mulheres em um dilema. Alguns peritos dizem que as evidências de que a mamografia reduz o índice de morte por câncer de mama, pelo fato de detectar a doença logo de início, são substanciais, ao passo que outros acreditam que o exame oferece pouco ou nenhum benefício.

Na minha condição de mulher de 50 e poucos anos e de epidemiologista que vem acompanhando as informações a esse respeito, acredito que, por enquanto, as mulheres que têm entre 50 e 69 anos de idade deveriam continuar a fazer mamografias regularmente. Mas não devemos descartar as preocupações com as falhas das informações existentes, e as mulheres precisam saber por que os peritos não falam a uma só voz.

As evidências estão longe de ser perfeitas, mas isso não equivale a dizer que há bons indícios de que a mamografia não funciona. Na verdade, as evidências de que a mamografia funciona são mais frágeis do que pensávamos. Também temos de reconhecer que cada pessoa tem um modo diferente de pesar os benefícios e riscos.

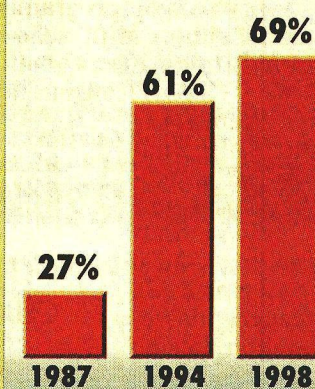
Biópsia – É razoável uma paciente perguntar que danos a pesquisa feita com auxílio de mamografia poderia causar, mesmo que as evidências sobre os benefícios sejam falhas. Embora as desvantagens da mamografia possam parecer muito pequenas, elas são comuns. Em cada série de mamografias descobre-se que entre 4% e 10% das mulheres têm algum tipo de resultado anormal. Dependendo do que tenha sido descoberto, as recomendações subsequentes variam de simplesmente fazer uma nova mamografia até a de fazer biópsia para excluir a possibilidade de que seja câncer.

Vários estudos revelam que entre 80% e 95% das anormalidades registradas na mamografia não são câncer. Obviamente, é uma boa notícia alguém saber que não tem a doença. Mas, com um número de mulheres estima-



MAIS EXAMES

Porcentagem de mulheres acima de 50 anos que se submeteram aos exames nos dois anos anteriores:



to em consequência, se o teste for capaz de reduzir a mortalidade, se ele for relativamente não-invasivo, não custar muito caro e não tiver muitas desvantagens. Entretanto, quando o número de pessoas submetidas ao teste é muito alto em relação ao número de beneficiados, e as desvantagens são comuns, o limite estabelecido por diretrizes para a recomendação de aplicação do teste em todos os indivíduos de certas categorias deveria ser mais alto.

Informação – A decisão do próprio indivíduo sobre se deve ou não submeter-se ao teste tem de se basear em informações corretas. Uma mulher cuja maior amiga morreu de câncer recentemente talvez ignore todas as desvantagens, ao decidir fazer mamografia. E outra mulher poderá negar-se a se submeter ao teste se julgar que, no seu caso, as probabilidades de obter um falso resultado positivo são grandes e a possibilidade absoluta de benefício é baixa. A resposta poderá ser diferente – mas ainda assim racional – no caso de mulheres que pesem os benefícios e riscos de maneiras diversas.

Apesar da recente controvérsia sobre mamografia, o declínio do índice de mortes causadas por câncer de mama nos Estados Unidos, durante a última década, é evidente. Parece difícil acreditar que os testes não sejam ao menos parcialmente responsáveis por esse declínio, embora alguns pesquisadores atribuam grande parte, embora não a maior parte, à melhora do tratamento de câncer.

Você, que é mulher de 50 e poucos anos, deve submeter-se à mamografia? Minha resposta é: provavelmente sim, embora a minha justificativa para isso não seja a afirmação de que ela não poderia fazer nenhum mal. Até que sejam feitas novas análises das informações existentes, que são essenciais, recomendar mamografia para mulheres entre os 50 anos e os 69 anos

de idade ainda é uma política pública adequada para o grupo etário como um todo. Mas, considerando-se tanto as incertezas quanto os benefícios e a frequência relativamente alta dos

falsos positivos, é compreensível que as decisões das mulheres, individualmente, sobre a mamografia sejam diferentes.

■ Virginia L. Ernster é professora de epidemiologia na Escola de Medicina da Universidade da Califórnia, em São Francisco.

ATÉ 25% DOS CASOS NÃO SÃO DETECTADOS

do em 28 milhões fazendo mamografias a cada ano, conclui-se que centenas de milhares passam pela penosa experiência de ter obtido resultado anormal em um teste, até que o resultado final seja conhecido. Um estudo estima que, depois de dez mamografias, o risco cumulativo de um falso resultado positivo é de 49%, e o risco cumulativo de biópsias em mulheres não- portadoras de câncer é de 18,6%.

Assim, os falsos positivos e os testes subsequentes são comuns.

Ao mesmo tempo, também sabemos que entre 15% e 25% dos casos de câncer de mama não são detectados pela mamografia.

Outra consequência em potencial é a detecção de alguns

cânceres de mama que poderiam jamais ter progredido até o ponto de se tornar sintomáticos durante a vida da paciente. É a chamada overdiagnose.

Cirurgia – Como não sabemos quais os casos que vão progredir e quais não vão, em essência todas as mulheres cujos exames acusem a presença de câncer de mama são tratadas cirurgicamente, com ou sem radiação. Isso pode resultar em cirurgias desnecessárias, no caso de algumas mulheres, mas até mesmo essa consequência grave parece aceitável, se esse tipo de teste está salvando a vida de outras mulheres.

Estudos existentes, que foram contestados há pouco tempo, mostram que as mulheres com idade entre 50 anos e 69 anos que se submetem ao teste, têm 25% a menos de risco de morrer em consequência de câncer de mama

do que as mulheres que não fazem o teste. Isso não quer dizer que todas as mulheres cujo câncer de mama tenha sido detectado por mamografia terão sua vida salva como resultado. Alguns dos cânceres detectados por meio de mamografia poderiam nunca progredir; outros progrediriam, mas não são agressivos – a ponto de terem probabilidades de ser curados sendo detectados mais tarde, na forma de caroço no seio.

E algumas mulheres cujo câncer de mama tenha sido detectado por mamografia ainda morrerão de câncer, apesar do diagnóstico precoce.

Nova arma – Assim, pesquisadores e grupos de defesa estão ansiosos por descobrir novos meios de prevenir o câncer de mama, detectando-o na fase inicial e tratando esse mal. O câncer de mama ainda mata quase 40 mil mulhe-

res por ano nos Estados Unidos.

Nesse ínterim, as mulheres deveriam considerar vários fatores para decidir se devem submeter-se à mamografia. O risco que determinada paciente corre de contrair câncer – calculado com base na idade, por exemplo – é suficiente para que ela faça mamografia? Não fazemos testes de detecção de câncer de mama em homens nem em meninas adolescentes porque seu risco é muito baixo. Em particular, as pacientes deveriam ser informadas sobre as possibilidades de falsos resultados positivos e saber que a overdiagnose também é possível.

A maioria das pessoas pode tolerar os falsos positivos e os exames que devem ser fei-

PACIENTES DEVEM SABER DO FALSO POSITIVO